

HIPÓLITO EM VERSOS PORTUGUESES

EURÍPIDES, *HIPÓLITO*. TRADUÇÃO DE FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA. SÃO PAULO, ODYSSEUS EDITORA, 2010, 126 pp. ISBN 9788578760083.

A história de Hipólito, na mitologia grega, apresenta algumas particularidades que causam tanto estranhamento, para o mundo moderno, como aproximações, de forma paradoxal e complementar. Já por isso, a narrativa de Eurípides (480-406 a.C.) continua a fascinar. Mas, do que trata a o relato, na interpretação de Eurípides? A tragédia relata o destino de Hipólito, um rapaz casto e devoto da deusa virgem da caça e da vida silvestre, Ártemis (Diana, para os latinos) A divindade do amor, Afrodite (a Vênus dos latinos), indignada pelo desprezo de Hipólito, faz com que a jovem madrasta de Hipólito, Fedra, apaixone-se por ele. A serva de Fedra revela a Hipólito que sua madrasta o ama e ele a rejeita. Fedra envergonha-se, suicida-se e deixa ao seu marido Teseu e pai de Hipólito uma nota na qual afirma que o jovem a tentara violar. Teseu bane e amaldiçoa o filho, que parte e morre em um acidente de carro. Teseu fica contente, mas a deusa Ártemis revela para ele que fora tudo parte de um plano pérfido da deusa do amor, Afrodite, o que dá tempo a que pai e filho se reconciliem, antes da morte do rapaz.

Esta peça foi abordada de diversos pontos-de-vista: tanto históricos, como antropológicos e filosóficos¹. A obra, apresentada em 429 a.C., em meio à Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), não pode ser desvinculada dessa grande convulsão da sociedade ateniense², assim como tampouco pode ser dissociada dos contextos e circunstâncias históricas e sociais posteriores e que levaram a múltiplas leituras da peça. Para alguns, Hipólito podia

¹. Cf. P.P.A. Funari, O Hipólito Stefaneforos de Eurípides e a crítica contemporânea, *Biblos*, Rio Grande, 5, 1993, 25-30.

². Cf. P.P.A. Funari, A Guerra do Peloponeso, Demétrio Magnoli. (Org.). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 18-45.

estar, nessa que era a segunda leitura de Eurípides sobre o tema, no lugar do moribundo Péricles, ante as paixões do povo. Para outros, a serva é a heroína, representante do povo inculto e belo, capaz de entender o outro e perdoar. Alguns enfatizaram a desmedida e arrogância do personagem, símbolo do poder ilimitado almejado por Atenas. A oposição tão marcada entre Ártemis casta e Afrodite impudica poderia indicar os extremos do comportamento humano. Por fim, pode considerar-se que Hipólito se perde por não aceitar-se apenas humano, por querer igualar-se aos deuses. Flávio Ribeiro de Oliveira não hesita em identificar na arrogância (*hybris*) o cerne da peça. “O problema de Hipólito é que ele se devota exclusivamente a Ártemis e despreza completamente Afrodite. Não tem medida” (p. 14). Nenhum crítico deixaria de concordar.

Os méritos da tradução de Flávio Ribeiro de Oliveira são muitos, a começar pelo fato de explicitar os critérios para sua obra de versão para o vernáculo. Esclarece que a tragédia antiga era um gênero poético específico, distante da linguagem comum do teatro da nossa época e que exige, portanto, um idioma solene e arcaizante, sem dispensar a criação de vocábulos. Atitude ousada e louvável, pois dá vida poética e dramática à sua recriação em nosso idioma. Os versos trímetros jâmbicos das partes dialogadas do original grego foram vertidas por versos decassílabos e os cantos do Coro foram transpostos em metros variados (pp. 19-20). As escolhas na tradução apresentam soluções tanto belas, quanto adequadas ao ambiente e circunstâncias da Atenas ao princípio da Guerra, como no verso 87 tantas vezes considerado chave para a compreensão da peça, referido a Hipólito (tomado, por alguns, como Péricles, como já foi dito):

“Rei (pois só deuses são chamados “amos”),
Um bom conselho meu aceitarías?”

O termo vertido como amo é déspota. Logo em seguida, Hipólito é confrontado com a pergunta: “a lei conheces que os mortais governa?” (90). O conceito central de lei humana (*nomos*) reaparece na peça múltiplas vezes, até mesmo aplicadas aos deuses (e.g. 97). Há, pois, uma leitura ao menos dupla da peça: na superfície, ela trata de um personagem mitológico, que se perde, por ser por demasiado arrogante: mas qual tragédia não gira em torno da desmedida (*hybris*)? Nada há nada de mais grego do que a sensibilidade pela falta de medida do ser humano, nada mais humano que a soberba³. Neste aspecto, filosófico, antropológico, psicológico, perene, a peça retrata algo que a torna mais atual e perpétua do que nunca: a falta de razão (*aphrosyne*, p. 32)

³ Cf. P.P.A. Funari, Gregos. In: Pedro Paulo Funari. (Org.). *Religiões que o mundo esqueceu*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2009, v. 1, p. 41-52.

está na raiz da atualidade da obra, tão eterna quanto o ser humano. Como diria Aristóteles (Poética 9.1451b6-7), a poesia consegue ser mais universal e filosófica do que qualquer referência histórica específica⁴. O drama da tragédia está em um dilema fora do tempo, como neste caso: como honrar a duas deusas (ou a dois princípios) ao mesmo tempo: o amor e a castidade? Impossível.

Há outros aspectos, contudo, mais históricos e delimitados. A peça gira em torno, também, da fobia da mulher: “a mulher é um grande mal” (p. 63). Seria uma referência à fama de Aspásia, “concubina” ou “companheira” de Péricles?⁵ “Odeio as sábias” (p. 65), dirá Hipólito, título “pejorativo” atribuído à senhora de Péricles, hostilizada por seus tantos defeitos e qualidades: estrangeira, hetaira, falante... São tantas as ambigüidades, que é difícil discernir as referências históricas – a maioria delas para nós meras especulações – quanto filosóficas ou literárias.

Nos aspectos mais propriamente formais ou literários, o tradutor demonstra maestria ímpar e singular. Alterna, no vernáculo, termos como paço, régia e palácio para um único referente grego (*dómos*), lembra que a Justiça é uma deusa (*Dike*), mesmo quando seja humana (pois não se trata da justiça divina, *Themis*). No geral, sua tradução consegue ser tanto agradável e bela quanto acurada. Para os que dominam o original grego, ela demonstra sua maestria e para a maioria que o ignora, ela constitui uma obra de referência, tanto mais importante e elogiável, quanto busca ser tanto fiel, quanto criativa. Por fim, mas não menos importante, ao tomar como referência a norma culta do idioma, a tradução de Flávio Ribeiro de Oliveira contempla não apenas o público brasileiro – que constitui mais de 90% dos falantes da língua – como todos os lusófonos. Com tantos méritos, recomenda-se, vivamente, a leitura e a fruição desta tradução, um tributo à perenidade da literatura grega antiga.

Pedro Paulo A. Funari⁶

⁴ Cf. G. E. M. de Ste. Croix, “Aristotle on History and Poetry,” in *Essays on Aristotle’s Poetics*, ed. Amelie Oksenberg Rorty (Princeton: Princeton University Press, 1992), p. 23-32.

⁵ Cf. J.A. Dabdab Trabulsi, *Le Présent dans le Passé, Autour de quelques Périclès du XXe. Siècle et de la possibilité d’une vérité en Histoire*. Besançon, Presses Universitaires de Franche-Comté, 2011, *passim*.

⁶ Professor Titular de História Antiga da Unicamp, Coordenador do Centro de Estudos Avançados (CEAv/Unicamp), bolsista de produtividade em pesquisa e líder de Grupo de Pesquisa do CNPq.

Ficha técnica

Divulgação	Publicações IEL-UNICAMP
Montagem	Publicações IEL
Editoração	In design
Formato	16 x 23 cm
Mancha	12 x 19 cm
Tipologia	Adobe Garamond Pro 9, 11
Papel	Miolo: Pólen Soft 75 g/m Capa: Cartão Supremo 250 g/m
Impressão e acabamento	Oficinas Gráficas da UNICAMP
Numero de páginas	158
Tiragem	300 exemplares